

AVISO

A ACADEMIA POLYTECHNICA DO PORTO foi transformada em uma FACULDADE DE SCIENCIAS e uma FACULDADE TECHNICA da Universidade do Porto. Estes *Annaes* pertencem á FACULDADE DE SCIENCIAS; conserva-se todavia o titulo pelo qual são conhecidos.

ANNAES SCIENTIFICOS
DA
ACADEMIA POLYTECHNICA

DO
PORTO

PUBLICADOS SOB A DIRECÇÃO

DE
F. GOMES TEIXEIRA

VOLUME XIV



COIMBRA
IMPRESA DA UNIVERSIDADE
1920

OBSERVAÇÕES SOBRE ALGUMAS PLANTAS

por
GONÇALO SAMPAIO

1. *Nephrodium filix-mas*, C. Rich.

raç. rupestre, Samp.; *Nephrodium rupestre*, Samp. (1908) — Difere do tipo específico pelas frondes muito mais pequenas, com 1-2,5 cent. de comprimento, pouco alargadas no meio, pelas nervuras secundárias dos lóbulos pouco numerosas, não divididas, e pelos indúsios claros. Serra da Estrela, nos lugares elevados.

Esta planta foi por mim cultivada no Pôrto durante bastantes anos, mantendo invariáveis os seus caracteres privativos, ao lado do *N. filix-mas*. No entanto não a considero hoje mais que uma raça alpestre deste, a que está ligada pela semelhança de organização.

2. *Marsilia pubescens*, Ten.; *Marsilia aegyptiaca* var. *lusitanica*, P. Cout. — Castro Verde (leg. J. Daveau).

No seu trabalho sobre as Criptógamas vasculares de Portugal, publicado em 1895, o sr. dr. Júlio Henriques referiu a *Marsilia* colhida pelo sr. J. Daveau em Castro Verde à *M. pubescens*, Ten. Porém, em 1909, o sr. P. Coutinho afirmou no «Boletim da Sociedade Broteriana» que a planta pertence, antes, ao grupo específico da *M. aegyptiaca*, constituindo uma variedade nova para a ciência, que denominou e descreveu.

Recentemente pude eu comparar a planta portuguesa com exemplares autênticos de diversas procedências, tanto da *M. pubescens* (Itália e França) como da *M. aegyptiaca* (Cairo e culturas do Jardim botânico de Berlim), resultando desse confronto: 1.º não encontrar a menor diferença entre a forma de Castro Verde e a *M. pubescens*; 2.º verificar que a *M. aegyptiaca* difere muito profundamente da nossa planta pelos seus caracteres mais salientes, como sejam os esporocarpos de forma diversa,

pequeníssimos, com um profundo sulco ventral, glabros e longamente pedunculados.

Há, pois, que riscar do catálogo da flora portuguesa a *M. aegyptiaca* e inscrever novamente a *M. pubescens*.

3. *Lycopodium clavatum*, Lín. — Serra da Estrela, na Candieira (leg. Manuel Ferreira).

Devo à amabilidade do sr. dr. Júlio Henriques um pequeno exemplar português desta espécie, que é nova para a flora do nosso país. Não está frutificado, mas a sua determinação não oferece a menor dúvida.

É esta a terceira espécie de *Lycopodium* conhecida na flora portuguesa, tendo sido as duas outras, o *L. inundatum* e o *L. cernuum*, descobertas por mim no norte do país.

4. *Isocetes velatum*, A. Br. — Entre Póvoa de Varzim e Vila do Conde, no leito dessecado de um lagoaço (abundante).

É uma espécie nova para a flora de Portugal, visto que a planta do sul referida ao *I. velatum* pertence realmente ao *I. setaceum*, como já foi afirmado e eu pude comprovar. Encontrei-a e colhi-a em Maio do ano corrente (1920) no lugar referido.

Também aparece na região, pelos terrenos enxutos, o *I. histrix*, Dur., que não é raro no Minho.

5. *Juniperus oxycedrus*, Lín. (non Brot.); *J. macrocarpa*, P. Cout. (non Sibth. & Sm.).

Esta espécie, que se encontra nalgumas localidades de Trás dos Montes e aparece com frequência nas margens do rio Douro e do Tua, foi mencionada com toda a exactidão, em 1896, pelo sr. dr. J. Henriques, no seu trabalho sobre as Ginospermas portuguesas. Mas o sr. Pereira Coutinho, da Universidade de Lisboa, referiu-a depois, em 1909, ao *J. macrocarpa*, Sib. & Sm., que é planta bastante diferente pelo seu habitat sempre litoral, pela forma das folhas e pela carnosidade das arcéutides.

6. *Juniperus macrocarpa*, Sibth. & Sm. raç. *rufescens*, Samp.; *J. oxycedrus*, Brot.; *J. rufescens*, Link?; *J. macrocarpa*, J. Henr.; *J. oxycedrus* var. *brachyphylla*, P. Cout. — Difere do tipo específico pelas folhas menores (5-10 x 1,5-2 mm.) e pelas arcéutides também menores (6-9 um. de largo), não umbilicadas, de uma cor bastante avermelhada ou castanho-obscura por fim. Litoral do Alentejo.

O seu habitat exclusivamente marítimo, a sua forma em

Esta planta é, por assim dizer, intermédia à *T. orientis* e à *T. heterophylla*, Guss., differing da primeira pelas umbelas paucirradiadas (com 2-3 raios, raras vezes com 4) e pelas pétalas menores, não ou pouco radiantes, em geral violáceas, e da segunda pelos segmentos das folhas superiores muito menos alongados e pelos frutos arculados em ambos os mericarpos.

O sr. P. Coutinho inclui, como o falecido dr. J. de Mariz, a *C. trifida*, Hoff. & Link na *T. orientis*, considerando-as iguais; mas as duas plantas diferem bastante, não se podendo juntar sequer como variedade da mesma espécie, e não ser que no mesmo grupo específico se incorpore também a *T. heterophylla*, que não dista mais da *C. trifida* do que esta dista da *T. orientis*.

44. *Torilis caeruleus*, Drude.

Na terceira das suas «Notas da Flora de Portugal» o sr. P. Coutinho cita a *T. caeruleus* como encontrada em 1915 pelos srs. R. Pallinha e F. Mendes nos arredores de Bragança e Miranda.

Confirmando a existência da planta nas referidas localidades, onde colhi há bastantes anos (em 1909) os exemplares que se encontram agora depositados no herbário português da Faculdade de Ciências do Porto.

45. *Torilis elongata*, Samp.; *Caucalis elongata*, Hoff. & Lk.

A *Caucalis elongata*, Hoff. & Link é uma espécie distintíssima, inconfundível, e não simplesmente, como supõem o dr. Mariz e o sr. P. Coutinho, a *T. leptophylla*. Aproxima-se desta planta, é certo, pelas folhas isomorfas, todas igualmente decompostas, mas afasta-se pela forma das últimas divisões foliares, que são elípticas ou elíptico-subovais, e pelos raios das umbelas, que são finos e muito longos, com 3-6 cent. de comprimento. Como dizem Hoff. & Link, algumas umbelas são reantes; mas os raios, nesse caso, tomam o máximo desenvolvimento.

Encontra-se a planta, embora seja rara, desde Trás-os-Montes e Beira ao Alentejo.

46. *Ferula ferulago*, Lin.; *Ferula granatensis*, P. Cout. (non Bois.).

Na sua «Flora de Portugal» o sr. P. Coutinho põe em dúvida a existência da *F. ferulago* em Portugal, referindo à *F. granatensis* as plantas de Trás-os-Montes e da Beira que o distinguído botânico já falecido dr. J. de Mariz havia incluído na espécie lineana.

Ora todos os exemplares do Minho, Trás-os-Montes, Beiras e Alentejo que examinei pertencem, sem a menor dúvida, à *F. ferulago*, pois que apresentam nas faces commissurais dos mericarpos 18-20 canais secretórios, em cortes ao microscópio, como os exemplares franceses com que escuriosamente os comparei e aos quais no resto também são iguais. Pelo contrário, o que eu nunca reconheci no nosso país é a *Ferula granatensis*, pois o exemplar do herbário de Coimbra que lhe foi referido pelo dr. Mariz reduz-se a uma umbela ainda sem frutos e a uma folha — o que o torna absolutamente indeterminável.

Deve-se riscar, portanto, da lista da flora portuguesa a *F. granatensis*, Bois., até que observações seguras demonstrem a sua existência no país.

47. *Centunculus minimus*, Lin. — Póvoa de Varzim, nos arrelvados do litoral.

Colhi-o no lugar indicado a 28 de Maio de 1920. É certamente uma espécie rara entre nós, pois são poucas as localidades do país em que se tem encontrado.

48. *Echium Broteri*, Samp.; *E. italicum*, Brot. (non Lin.); *E. lusitanicum*, P. Cout. (non Lin.).

Numa das suas últimas «Notas da Flora portuguesa» o sr. P. Coutinho, depois de pôr o meu *E. Broteri* como igual ao *E. lusitanicum* de Lineu, comenta:

«O sr. Lacaita encontrou ultimamente no British Museum, entre exemplares do Herbário de Lineu, um etiquetado de *Echium lusitanicum* pela mão de Lineu fil.; comparou-o com exemplares do *E. Broteri*, que lhe enviou, e achou-os idênticos; esta aproximação é ainda reforçada pela presença de exemplares do *Echium amplissimum folio lusitanicum*, Tournefort (indicado por Lineu como sinónimo do seu *E. lusitanicum*), provenientes do Herbário de Jussieu, e que igualmente correspondem ao nosso *E. Broteri*. É muito interessante a nota que a este respeito o sr. C. Lacaita vai publicar e que fez o favor de me mostrar manuscrita. Parece-me, pois, que há motivo bastante para restituir na Flora de Portugal ao *E. Broteri* a sua antiga denominação de *E. lusitanicum*, Lin.»

Não li a nota do inglês sr. Lacaita, que foi realmente publicada; mas não tenho o menor interesse em lê-la, desde que, pelas indicações do sr. Coutinho, posso avaliar bem a natureza e o valor das provas ali apresentadas.

O binome *Echium lusitanicum*, com que Lineu indica uma planta da Europa austral, tem sido uma designação tão enigmá-